

Três gerações, uma Europa: a minha família e os 40 anos da adesão de Portugal à CEE

Quando penso na Europa, não penso apenas em instituições, tratados ou datas históricas. Penso, acima de tudo, na minha família. Penso no meu avô, no meu pai e em mim. Três gerações separadas por poucos anos no calendário, mas por mundos completamente diferentes nas perspetivas de vida, nas oportunidades e, até, nos sonhos. E, refletindo bem, percebo que essa diferença não aconteceu por acaso. É o resultado direto da forma como Portugal se transformou depois da adesão à, então, Comunidade Económica Europeia, em 1986.

O meu avô materno nasceu em 1957, em Santa Maria da Feira. Cresceu numa família de dez irmãos, em que estudar era um privilégio raro e trabalhar cedo era uma necessidade. Frequentou a escola apenas até à 4.^a classe e, aos dez anos, começou a trabalhar como aprendiz de carpinteiro. Era mais novo que o meu irmão, que ainda precisa de ajuda para não se esquecer de nada quando sai de casa. A infância do meu avô não foi feita de escolhas, mas de sobrevivência. Trabalhar era inevitável; sonhar era um luxo. Aos dezoito anos, percebeu que, por mais que trabalhasse a vida em Portugal não avançava. O esforço não se traduzia em progresso. O dinheiro mal chegava para as pequenas despesas e o futuro parecia sempre igual ao presente.

Nos anos 70, Portugal vivia ainda as consequências de décadas de ditadura, pobreza e isolamento. A instabilidade política e económica era grande e a emigração era quase uma regra. Dos dez irmãos do meu avô, apenas uma irmã ficou em Portugal. Todos os outros partiram, empurrados pela mesma convicção: aqui não há futuro. Uns foram para França, outros para a Suíça, um chegou a ir para a Índia. O meu avô escolheu a Venezuela, em 1976, sem sequer saber bem onde ficava. Juntou dinheiro para o bilhete de avião e partiu, sem garantias, apenas com esperança. Conta, com humor, que chegou cheio de casacos e encontrou um país quente, estranho e distante.

Na Venezuela, trabalhou muito. Muito mesmo. Desenhava e montava cozinhas, carregava portas de madeira por muitos andares de escadas. O trabalho era duro, mas havia uma diferença fundamental: lá, o esforço compensava. Ganhava bem, conseguia poupar e sentia que tinha controlo sobre a sua vida. Em pouco tempo, conseguiu montar o seu próprio negócio. Pela primeira vez, o trabalho trazia liberdade e progresso. Ainda assim, a ideia nunca foi ficar para sempre. Portugal continuava a ser a sua casa.

Em 1981, cinco anos depois de ter emigrado, regressou. Portugal já estava diferente. A Democracia começava a consolidar-se, o ambiente era mais estável e sentia-se que algo estava a mudar. A minha mãe tinha acabado de nascer e os meus avós decidiram criar a família em Portugal. Com o dinheiro poupado, compraram um terreno, construíram casa e oficina, e o meu avô criou a sua empresa de carpintaria. Durante as décadas de 80 e 90, assistiu a um país em crescimento. As condições de vida melhoravam, havia trabalho e dinamismo. Em 1986, Portugal entrou, oficialmente, na CEE, e, mesmo sem falar de fundos europeus ou políticas económicas, o meu avô sentiu a mudança no dia a dia. O país desenvolvia-se e, pela primeira vez, parecia haver futuro sem ser preciso partir.

Os filhos do meu avô puderam estudar até ao 12.º ano, algo impensável na geração dele. A minha mãe foi ainda mais longe e tirou uma licenciatura. Para o meu avô, isso é talvez a maior prova de que a vida mudou: os filhos puderam escolher um caminho diferente do dele.

Quando o meu avô regressou a Portugal, no início da década de 80, o país encontrava-se ainda num processo delicado de consolidação democrática. A revolução de 1974 tinha trazido liberdade política, mas não tinha resolvido de imediato os problemas estruturais do país: baixos níveis de escolaridade, fraca industrialização, pobreza generalizada e uma enorme dependência da emigração. Portugal precisava não apenas de crescer, mas, também, de aprender a funcionar de outra forma.

A adesão à Comunidade Económica Europeia, em 1986, representou muito mais do que um apoio financeiro. Significou uma mudança profunda na forma como o Estado português se organizava e como a sociedade se pensava a si própria. Houve investimento na Educação, na formação profissional e na modernização da Administração Pública. Passou a existir uma maior valorização das qualificações, do planeamento e da ideia de futuro. Para uma geração habituada a viver apenas o presente, esta mudança foi decisiva.

Mário Soares teve um papel central neste processo. Enquanto Primeiro-Ministro, foi um dos principais responsáveis pela negociação da entrada de Portugal na CEE, defendendo que o país só conseguiria garantir democracia, desenvolvimento e estabilidade se estivesse plenamente integrado na Europa. Mais tarde, como Presidente da República, continuou a assumir-se como um defensor convicto do projeto europeu, reforçando a ideia de que Portugal fazia parte de uma comunidade de valores e não apenas de um mercado económico. Para muitos portugueses, Mário Soares simbolizou a transição de um país fechado e inseguro para um país confiante e europeu.

Durante as décadas de 80 e 90, estas transformações tornaram-se visíveis também no quotidiano das famílias. O acesso à escola alargou-se, mais jovens concluíram o Ensino Secundário e o Ensino Superior deixou de ser uma exceção absoluta. Surgiram novas oportunidades de emprego fora da agricultura e do trabalho exclusivamente manual, e muitas pequenas empresas, como a do meu avô, beneficiaram de um ambiente económico mais dinâmico. Acima de tudo, instalou-se uma sensação nova: a de que o esforço podia, finalmente, traduzir-se em progresso.

Foi neste Portugal em mudança, ainda imperfeito, mas cheio de expectativas, que cresceu a geração do meu pai — uma geração que já não herdou o medo constante da pobreza, mas, sim, a esperança de estabilidade.

O meu pai nasceu em 1982, em França, filho de pais emigrantes portugueses. Cresceu entre dois países e duas realidades. Os meus avós paternos emigraram no final dos anos 70, também por razões económicas. Tinham apenas a 4.ª classe e foram para Paris, em busca de estabilidade. O meu avô trabalhava como mecânico e a minha avó fazia limpezas e costura. Viviam no rés do chão de um prédio, onde eram *concierges*, responsáveis pela limpeza e segurança. Não pagavam com renda, mas com trabalho constante.

O meu pai não guarda grandes memórias felizes da vida em Paris. Viviam numa zona insegura e raramente podia sair de casa. A cidade era grande, fria e distante. As melhores memórias são dos fins de semana, quando saíam da cidade e iam passear para as florestas à volta de Paris, colher fruta e estar em família. E se calhar por isso, os meus avós nunca perderam a ligação a Portugal. Poupavam tudo o que podiam e enviavam dinheiro para construir uma casa no país. A ideia de regressar esteve sempre presente.

Em 1992, quando o meu pai tinha dez anos, veio para Portugal. Já se vivia num país integrado na União Europeia, com melhores condições e maior estabilidade. A adaptação não foi fácil, sobretudo porque a minha avó ainda ficou alguns anos em França a trabalhar. Ainda assim, o meu pai gostava da liberdade de brincar na rua, da proximidade da família e da sensação de segurança. Estudou até ao final do Ensino Secundário, numa altura em que isso ainda não era obrigatório. Nunca pensou emigrar. Ao contrário da geração dos pais, já acreditava que podia construir uma vida digna em Portugal.

Começou a trabalhar em 2001, com um salário mínimo baixo, mas com oportunidades de progressão. Mudou de emprego até encontrar estabilidade. Hoje é chefe de turno e, apesar do trabalho noturno, sente segurança no emprego. Casou cedo, saiu de casa aos 23 anos, construiu a sua própria casa e formou a sua família. Nunca precisou de sair do país para ter uma vida melhor. Isso, por si só, mostra o quanto Portugal mudou.

Quando o meu pai entrou na idade adulta, Portugal já se sentia parte integrante da União Europeia. Essa integração deixou de ser apenas política ou económica e passou a ser, também simbólica e cultural. No final dos anos 90 e início dos anos 2000, o país viveu momentos que marcaram profundamente a forma como os portugueses se viam e como acreditavam no seu lugar na Europa.

A Expo 98, realizada em Lisboa, foi um desses momentos. Mais do que uma exposição internacional, foi um acontecimento que mostrou um Portugal moderno, capaz de se organizar, de receber o mundo e de pensar no futuro. Para a geração do meu pai, a Expo representou orgulho, confiança e a sensação de que Portugal já não estava na periferia da Europa, mas podia estar no centro das atenções. O tema dos oceanos ligava passado e futuro, mostrando um país que sabia de onde vinha, mas que queria seguir em frente.

Poucos anos depois, o Euro 2004 reforçou essa mesma ideia. Durante semanas, Portugal recebeu milhares de pessoas de toda a Europa, uniu o país em torno de um projeto comum e criou um sentimento de pertença que ultrapassou o futebol. Para muitos portugueses, incluindo o meu pai, foi a prova de que o país tinha capacidade para organizar grandes eventos internacionais e de que fazia parte, sem complexos, do espaço europeu. Foram momentos de entusiasmo coletivo que ficaram na memória de uma geração.

Neste período, Mário Soares continuou a desempenhar um papel fundamental como referência moral e política. Mesmo já afastado dos cargos de chefia do Estado, manteve--se uma voz ativa no debate europeu, nomeadamente enquanto deputado ao Parlamento Europeu e como figura pública empenhada na defesa dos valores democráticos. Alertava frequentemente para a importância de não esquecer o caminho percorrido e de proteger a democracia, a liberdade e a pertença europeia que tinham custado tanto a conquistar. Para

a geração do meu pai, Mário Soares representava a memória viva da transição para a Europa e um lembrete constante de que o progresso não era garantido.

Ao longo da década de 2000, Portugal consolidou o acesso ao Ensino Superior, à mobilidade e a uma maior diversidade de percursos profissionais. A Europa passou a fazer parte do quotidiano, não apenas como oportunidade económica, mas como espaço de circulação, de direitos e de escolhas. No entanto, a crise financeira de 2008 veio quebrar esse entusiasmo. A década de 2010 foi marcada por dificuldades, desemprego e pela saída de muitos jovens para outros países europeus.

Ainda assim, mesmo nos momentos mais difíceis, a diferença em relação ao passado manteve-se clara. Emigrar deixou de significar um corte definitivo com o país. A maioria dos que partiram manteve laços, regressou ou pensou regressar e Portugal continuou ligado à Europa, não apenas por necessidade, mas por pertença. Essa consciência europeia, construída ao longo de décadas, moldou profundamente a forma como a geração do meu pai encara o futuro – com realismo, mas, também, com confiança.

Foi neste Portugal europeu, vivido intensamente pela geração do meu pai, que eu cresci. Um país que já conhece tanto o entusiasmo como a crise e que me ensinou que fazer parte da Europa é, também, saber enfrentar desafios sem perder a identidade.

Eu sou a terceira geração desta história. Chamo-me Iara, nasci em 2009 e estou no 11.º ano. Cresci num país onde a União Europeia é um dado adquirido. Cresci numa família onde ambos os pais trabalham, onde há estabilidade, união e apoio. Vivo perto dos meus avós e dos meus tios, e a família está sempre presente. Para mim, isto é normal. Mas sei que não o foi para o meu avô, nem totalmente para o meu pai.

As minhas perspetivas são diferentes. Quero ir para a Universidade, no Porto ou em Coimbra. Quero estudar, escolher e experimentar. Quero fazer Erasmus, conhecer outros países, outras culturas e outros modos de vida. Quero ir aos Países Baixos, o meu país de sonho. Mas não quero emigrar. Quero viajar por escolha, não por necessidade. Sinto-me bem em Portugal e acredito que posso construir, aqui, o meu futuro. Mesmo sabendo que nem tudo é fácil, tenho confiança de que há oportunidades.

Quando comparo as nossas três gerações, percebo que a maior mudança não está apenas nas condições materiais, mas na forma como cada uma olha para o futuro. O meu avô olhava para fora, para sobreviver. O meu pai olhava para dentro, para construir. Eu olho para fora, para conhecer, e para dentro, para ficar. Essa diferença é o maior legado da integração europeia.

Enquanto jovem de 16 anos, pertenço a uma geração que nunca conheceu Portugal fora da União Europeia. Para mim, a Europa sempre existiu. Sempre houve euro em vez de escudos, fronteiras abertas em vez de barreiras, e a ideia de estudar ou viajar noutro país europeu sempre me pareceu natural. Cresci a ouvir falar da União Europeia não como uma promessa, mas como uma realidade adquirida. Talvez por isso, muitas vezes, não tenha plena consciência da importância do caminho que foi percorrido até aqui.

Quando penso no futuro da União Europeia, não penso apenas em crescimento económico ou em políticas distantes. Penso, sobretudo, nos desafios que a minha geração vai enfrentar: as alterações climáticas, as desigualdades sociais, a instabilidade internacional, o avanço da desinformação e o enfraquecimento da confiança na Democracia. A Europa dos próximos anos terá de ser capaz de responder a estes desafios sem perder aquilo que a distingue: a defesa dos direitos humanos, da liberdade, da diversidade e da solidariedade entre povos.

Ao mesmo tempo, acredito que a União Europeia continuará a ser um espaço de oportunidades para os jovens. O acesso à Educação, à mobilidade, à partilha de conhecimento e à cooperação entre países será fundamental para que a minha geração possa construir um futuro mais justo e equilibrado. Quero viver numa Europa que não seja apenas um mercado, mas uma comunidade onde as pessoas contam e onde o progresso não deixa ninguém para trás.

Apesar de muitas vezes não termos consciência disso, a figura de Mário Soares continua a influenciar a minha geração. Não porque o tenhamos vivido diretamente, mas porque vivemos num país moldado pelas escolhas que ele ajudou a fazer. A liberdade de expressão que tenho, a possibilidade de estudar, de circular livremente pela Europa e de pensar o meu futuro sem medo são conquistas que resultam de decisões políticas e históricas tomadas muito antes de eu nascer. Mário Soares representou a coragem de escolher a Europa, quando isso ainda não era óbvio nem garantido.

Para a minha geração, Mário Soares não pode ser apenas um nome nos manuais escolares. Ele é um símbolo de uma visão de futuro baseada na Democracia, no diálogo e na abertura ao mundo. Mesmo sem o sabermos, herdámos essa visão. Herdámos a ideia de que Portugal não está sozinho, que faz parte de algo maior e que tem um lugar numa Europa plural e democrática.

Talvez seja esse o maior legado de Mário Soares para nós: a ideia de que o futuro se constrói com escolhas conscientes, coragem política e compromisso com os valores democráticos. E que a Europa, mais do que um espaço geográfico, é um projeto que precisa de ser continuamente pensado, protegido e renovado.

Por tudo isto, os 40 anos da adesão de Portugal à CEE não são apenas uma data histórica. São uma mudança profunda na vida das pessoas. Na minha família, significaram o fim da emigração forçada, o acesso à educação, a estabilidade e a possibilidade de sonhar. Hoje, a Europa faz parte de quem eu sou, mesmo sem me aperceber. E talvez tenha mesmo de agradecer a Mário Soares poder crescer num país onde o futuro não assusta, mas desafia.

Esta é a história da minha família. Mas sei que é, também, a história de muitas outras. Três gerações, três perspetivas, um país transformado. E uma Europa que, ao longo de 40 anos, deixou de ser um sonho distante, para se tornar parte do nosso quotidiano.

Iara Trindade

Janeiro de 2026